

*Quanto mais a concepção da
Idéia cresce mais a teoria da
arte se afasta de suas origens.*

Figura – Panofsky

Fonte: PANOFSKY (1994) Capa do livro.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro Tecnológico
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Disciplina: Idéia, Método e Linguagem – ARQ 1101/2006
Prof.^a Dr. Sônia Afonso, Arquiteta e Urbanista

***Seminário - Idea: A Evolução do Conceito de Belo
Erwin Panofsky***

Prefácio - Introdução - A Antiguidade

Apresentação: Ana Claudia Alves Pinto/ anacap@pop.com.br

Prefácio

- Conferência pelo Prof.º E. Cassirer: “A Idéia do belo nos diálogos de Platão.”
- Evolução histórica desse conceito (Idea).
 - A Antiguidade
 - A Idade Média
 - O Renascimento
 - O “Maneirismo”
 - O Neoclassicismo
 - Miguel Ângelo e Dürer
 - Apêndice I. Capítulo de G.P. Lomazzo sobre as belas proporções e Comentário de Marsilio Ficino
 - Apêndice II. G. P. Bellori. A idéia do pintor, do escultor e do arquiteto, obtida das belezas naturais e superior à natureza

Introdução

- PLATÃO (428 a.c – 348 a.c) e o conceito do Belo.
- PLATÃO separa nitidamente as atividades profissionais:
 1. “arte mimética” (imitar a aparência)
 2. arte que valoriza a idéia (“poéticos”)

“... se a arte tem por missão ser verdadeira no sentido “idealista”, ou seja, se deve entrar numa espécie de concorrência com o conhecimento racional, seu objetivo deve consistir necessariamente então, ao preço de uma renúncia à individualidade e à originalidade em que vemos habitualmente a marca distintiva das produções da arte, em reduzir o mundo visível às Formas, que nunca mudam e que são universal e eternamente válidas. (... executadas sempre segundo o mesmo estilo).” (PLATÃO apud PANOFSKY 1994, p.9)

- Valor de uma criação artística = Valor de uma investigação científica.



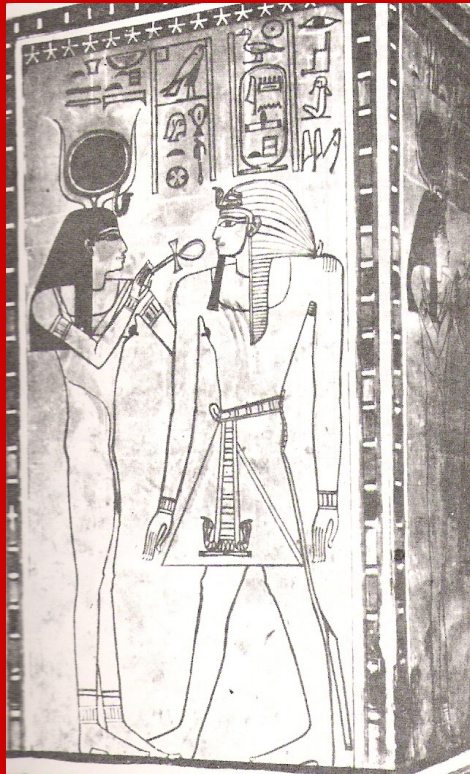


Figura: Detalhe das pinturas nas paredes da tumba de Amenotep II (cerca de 1380 a.C).

Fonte: BENEVOLO (1993), pg. 49.

- “arte mimética”:
 1. “imitação por cópia” (imitar inutilmente o mundo/ “as proporções efetivamente existentes”).
 2. “imitação por simulacro” (engendra aparências incertas e enganosas/ “aquelas que dão a ilusão de serem belas”)



Figura: Discóbulo de Miron.
Fonte: GALERIA DA HISTÓRIA DA ARTE
Acesso em 07/04/06

“... Com Platão a noção de imitação adquire acepção metafísica, como lógica decorrência do “distanciamento” entre o plano sensível e o inteligível. ... o mundo sensível seria uma imitação do mundo inteligível, o homem tanto constrói uma casa real como, na condição de pintor, pode reproduzir num quadro a imagem dessa casa. O artista aparece ... Como “criador de aparências”. O problema da imitação torna-se mais complexo quando referido aos objetos de arte, objetos artificiais, artefatos. Faz-se então a distinção entre graus intermediários de imitação: o objeto natural imita a idéia que lhe é correspondente e a arte imita, por sua vez, aquela imitação. No caso das artes plásticas, Platão recusa a utilização dos recursos da perspectiva, que então se difundiam e lhe pareciam a sofística na arte, pois acentuavam a “ilusão de realidade”. A arte imitativa deveria preservar o caráter de cópia de seus produtos, não querendo confundi-los com os objetos reais.” (diálogos de PLATÃO apud OS PENSADORES 2000, p.22)



Figura: Atena de Fídias.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Atena>

Acesso em 07/04/06

“... Segundo uma poesia conhecida de João Tzetzes, Fídias, que enquanto “ótico” e “geômetra” levava em consideração a redução das coisas situadas a grande altura, acabou por conferir a uma estátua de Atena proporções objetivamente inexatas, e precisamente por isso triunfou sobre o seu rival Alkamenes; ora, essa obra poderia ter fornecido a Platão um exemplo típico dessa arte inferior – tem-se quase a impressão de que sua crítica visa explicitamente a escultura de Fídias – que é censurada por querer considerar as deformações de perspectiva e deste modo fazer valer não “as proporções efetivamente existentes”, mas “aquelas que dão a ilusão de serem belas.”(PANOFSKY 1994, p.11)

- MELANCHTON, pensador do séc. XVI:
 1. As Idéias são representações ou intuições que residem no espírito do próprio homem.
 2. As Idéias sejam reveladas preferencialmente na atividade do artista.

A teoria das artes se empenhará cada vez mais em anexar a doutrina das Idéias.

A Antiguidade



Figura: Zeus de Fídias em Olímpia.

Fonte: **ACHE TUDO E REGIÃO**

Acesso em 07/04/06

“Penso que não existe em parte alguma”, afirma Cícero, “algo de tão belo cujo original de que foi copiado não seja ainda mais belo, como é o caso de um rosto em relação ao seu retrato; mas não podemos apreender esse novo objeto nem pela visão, nem pela audição ou qualquer outros sentidos; ao contrário, é apenas em espírito e em pensamento que o conhecemos; ..., ele não considerava um homem qualquer, isto é, realmente existente, que teria podido imitar, mas em seu espírito é que residia a representação sublime da beleza; é ela que ele olhava, é nela que mergulhava, e tomando-a por modelo dirigia sua arte.”(PANOFSKY 1994, p.16)

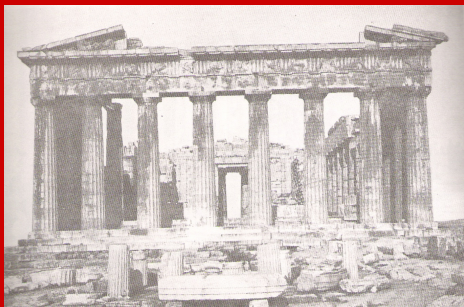
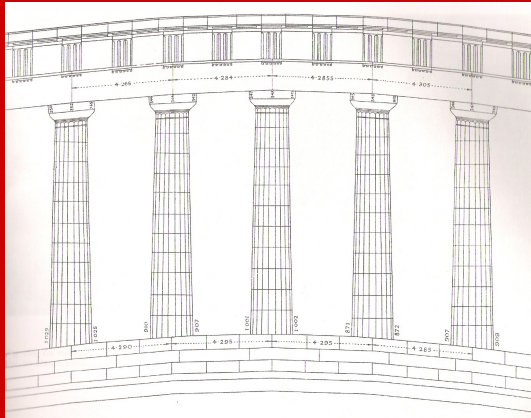


Figura: Fachada oriental do Pártenon; desenho de um trecho do flanco setentrional, que evidencia, exageradamente, as deformações da colunata para melhorar o efeito óptico.
Fonte: BENEVOLO (1993), pg. 92 e 93.

- A arte e o artista são valorizados.
- O pintor e o escultor (meios helenísticos e romanos) figuram personalidades superiores e protegidas dos deuses.
- Os talentos do conhecedor de arte e do crítico de arte começam a se desenvolver.
- Príncipes e ricos colecionam artes – aumento de crédito.

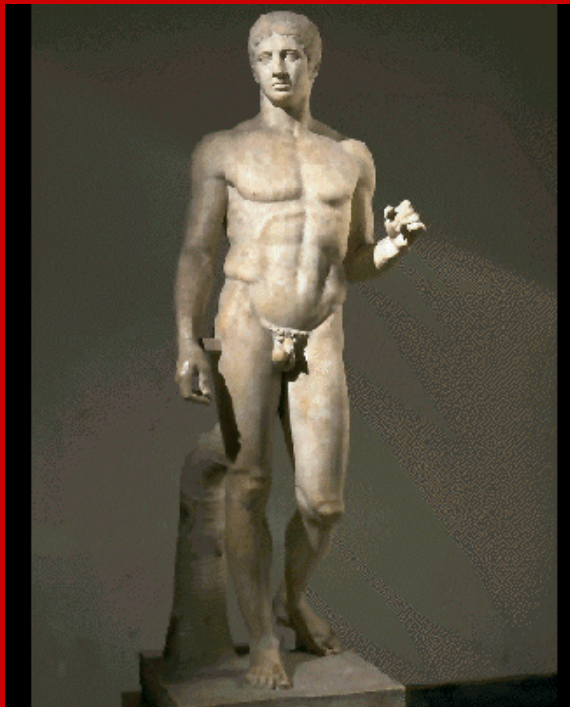


Figura: Cópia romana do Doríforo de Policleto.

Fonte: http://cv.uoc.es/~991_04_005_01_web/fitxer/perc15.html

Acesso em 07/04/06

- Pensamento da Antiguidade:

1. Obra de arte inferior à natureza. / imitação/ produção de ilusão.
2. Obra de arte superior à natureza./ correção de falhas/ imagem renovada da beleza.

“Já Sócrates admitia como óbvio que a pintura, embora simples “cópia das coisas visíveis”, fosse ao mesmo tempo obrigada e capaz, na ausência de um homem cujo ‘físico’ fosse irrepreensível sob todos os aspectos”, de representar um corpo cuja aparência fosse bela, combinando, a partir de uma multiplicidade de corpos, o que de mais belo houvesse em cada um deles...”

(PANOFSKY 1994, p.19)

- Artista como êmulo da natureza = correção de imperfeições.

“Foi a imaginação que criou esses deuses, e ela é mais artista do que a imitação, pois a imitação representa o que vê, a imaginação o que não vê.”

(APOLÔNIO DE TIANA citado por FILÓSTRATO O ANTIGO apud PANOFSKY 1994, p.21)

- O objeto da arte se liberta da realidade empírica.
- A Idéia filosófica desce de seu “lugar supraceleste”.

“É um produto da arte tudo aquilo cuja forma reside na alma.”

(ARISTÓTELES apud PANOFSKY 1994, p.21)

- “forma interior” é transferida à matéria pelo artista.
- Imagem interior representa o objeto da obra de arte = “representação pensada”

- SÊNECA (4 a.c – 65 d.c), enumera quatro causas da obra de arte:

“a matéria de que é produzida, o artista por quem é produzida, a forma em que é produzida e o fim em vista do qual é produzida.”

(SÊNECA apud PANOFSKY 1994, p.25)

- PLATÃO acrescenta uma quinta: **a idéia** (aquilo para que o artista olha a fim de executar a obra que projetou, seja exterior a ele ou seja interior).

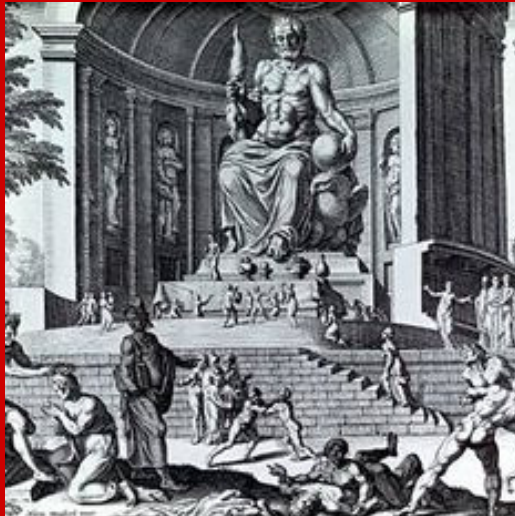


Figura: Zeus de Fídias.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Zeus>

Acesso em 07/04/06

- PLOTINO – defensor da arte (“arte poética ou heurística”- invenção)

- Simples alusões a uma beleza inteligível/ Invenção/ Olhar para além das imagens sensíveis/ Abre perspectiva para o mundo das Idéias.

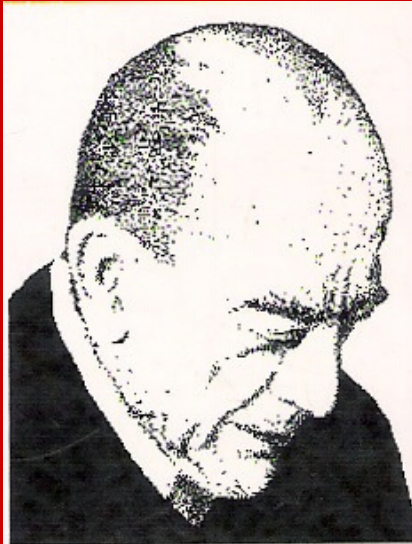
- “...os pensamentos de um “Rafael privado de mãos” têm afinal mais valor do que as pinturas do Rafael de carne e osso...”(PANOFSKY 1994, p.32)

- PLATÃO – crítico da arte (“arte mimética”- imitação)

- Simples imitações das aparências sensíveis/ Imitação/ Olhar nas imagens sensíveis/ Impede a contemplação do mundo das Idéias.

- “ se a concepção “mimética”, segundo a qual a arte representa uma imitação do mundo sensível, contesta a legitimidade das belas-artes definindo seu objetivo como indigno de ser buscado, a concepção “heurística”, segundo a qual a arte detém a nobre missão de fazer penetrar uma “forma” na matéria rebelde, contesta a própria possibilidade de seu sucesso na medida em que seu próprio objetivo é dado como impossível de atingir.” (PANOFSKY 1994, p.31)*

Referências



*Quanto mais a concepção da
Idéia cresce mais a teoria da
arte se afasta de suas origens.*

Figura – Panofsky

Fonte: PANOFSKY (1994) Capa do livro.

ACHE TUDO E REGIÃO, o portal do Brasil. Disponível em:

http://www.achetudoeregiao.com.br/ATR/Monumentos_da_grécia.htm. Acessado em 07 de Abril de 2006.

BENEVOLO, L. – **História da Cidade**. 2ª Edição. São Paulo. Perspectiva. 1993.

CURSO DE HISTÓRIA DA ARTE UNIVERSAL. Disponível em:

http://cv.uoc.es/~991_04_005_01_web/fitxer/perc15.html. Acessado em 07 de Abril de 2006.

GALERIA DA HISTÓRIA DA ARTE. Disponível em:

<http://galeriadearte.vilabol.uol.com.br/HistoriadaArte/02/Sala02.htm>. Acessado em 07 de Abril de 2006.

OS PENSADORES (coleção) – **Platão – Vida e Obra**. Nova Cultural. São Paulo. 2000.

PÁGINAS TERRA, Site de busca e informação. Disponível em:

<http://paginas.terra.com.br/arte/mundoantigo/Vinci/MPLEO48.jpg>. Acessado em 07 de Abril de 2006.

PANOFSKY, E. – **Idea: A Evolução do Conceito de Belo**. Contribuição a História do Conceito da Antiga Teoria da Arte. São Paulo. Martins Fontes. 1994.

WIKIPÉDIA, Enciclopédia Livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki>. Acessado em 07 de Abril de 2006.